

Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 1, Número 2, Dez. 2012

RESENHA DA OBRA "COMO MORREM OS POBRES E OUTROS ENSAIOS", DE GEORGE ORWELL



REVIEW OF "HOW THE POOR DIE AND OTHER ESSAYS" GEORGE ORWELL

Sandro Viana Essencio
Universidade Estadual Paulista/Assis, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 10/11/2012 • APROVADO EM 18/12/2012

Abstract

George Orwell (1903-1950) was a great thinker of the twentieth century, and will focus on various themes in his work as an essayist. Equipped with a simple and accessible language, their texts have philosophical depth and immense awareness of the need to position themselves politically before the events of the first half of the last century, as the World Wars, the expansion of culture as a market commodity and many others points of social life. In this book, we have essays on the 1929 depression, romance, poetry and press, politics and sociology.

Resumo

George Orwell (1903-1950) foi um grande pensador do século XX, debruçando-se sobre os mais variados temas em sua atividade como ensaísta. Dotado de uma linguagem simples e acessível, seus textos possuem profundidade filosófica e imensa consciência da necessidade de posicionar-se politicamente ante os acontecimentos da primeira metade do século passado, como as Guerras Mundiais, a expansão da cultura como um bem de mercado e muitos outros pontos da vida social. Nesse livro, temos ensaios sobre a depressão de 1929; romance, poesia e imprensa; política e sociologia.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: George Orwell. Como morrem os pobres e outros ensaios.

KEYWORDS: George Orwell. How the poor die (2011, Brazil).

Texto integral

A coletânea de textos **Como morrem os pobres e outros ensaios**, de George Orwell, publicada em 2011 pela Companhia das Letras traz aos leitores brasileiros uma faceta muito importante da produção do novelista. Seus textos possuem o frescor da emoção vivida somados à avaliação posterior que somente o crivo do tempo pode conceder, possibilitando a ele comunicar-se sempre com clareza. Essa coletânea é a segunda de três, dando seguimento ao livro **Dentro da baleia**, lançado em 2005. A obra de Orwell estende-se da ficção à crítica da cultura com uma unidade ideológica tão veemente que, por vezes, chega a ser difícil dissociar a criação mais fortemente estética da recriação da experiência. Romances como **Lutando na Espanha** e **Na pior em Paris e Londres** são do tipo documental, e ainda que conservem o aspecto de irrealidade intrínseco à literatura possuem a característica de terem sido gerados por uma vivência objetiva do autor, que transmite sua leitura das relações humanas e das transformações históricas de sua maneira discursiva peculiar.

Essa coletânea de ensaios mais recente tem como prefácio texto de Lionel Trilling, intitulado “George Orwell e a política da verdade”. Escrito pouco após a morte de Orwell para ser uma apresentação de **Homage to Catalonia**, este ensaio continua

sendo das avaliações mais precisas sobre o legado do autor. Os dois primeiros artigos – “Um dia na vida de um vagabundo” e “O albergue” – datam de quando, durante a depressão de 1929 – com a devida liberdade da expressão –, Orwell comeu o pão que o Diabo amassou e os ingleses distribuía em seus albergues aos “vagabundos” como ele. A experiência degradante dos colhedores de lúpulo é relatada em “Diário da colheita de lúpulo”, onde vemos a progressão do sofrimento físico e mental causado pelo trabalho excessivo, que se repetia dia após dia. Encerrando a primeira sessão de ensaios – intitulada “Os dias são todos iguais” – está o que dá nome ao livro “Como morrem os pobres”, escrito em um hospital público de Paris em 1946. Nesse texto vemos o relato de Orwell se compadecendo dos sofrimentos alheios, da expressão de tristeza e abandono que as pessoas mais pobres carregam em seus momentos finais, e refletindo filosoficamente sobre as condições da vida humana em tempos de tamanha desigualdade:

A gente quer viver, é claro; na realidade, só ficamos vivos em virtude do medo da morte, mas penso agora, como pensava então, que é melhor morrer violentamente e não velho de mais. As pessoas falam dos horrores da guerra, mas que arma o homem inventou que se aproxime da crueldade de algumas das doenças mais comuns? A morte “natural”, quase por definição, significa alguma coisa lenta, fedorenta e dolorosa. Mesmo assim faz diferença se você pode alcançá-la em sua casa e não numa instituição pública. Aquele pobre infeliz que acabara de apagar como uma vela não era importante nem para ter alguém velando em seu leito de morte. (ORWELL, 2011, p. 104)

A segunda sessão de ensaios – “A insinceridade é inimiga da linguagem clara” – agrupa textos que refletem sobre o uso das palavras no romance, na poesia, nas resenhas literárias, no discurso e na propaganda política. “Em defesa do romance”, publicado em 1936, visa a desconstruir o desprestígio do romance nos círculos intelectuais daquele momento que viam no romance uma forma literária que se dedica a “um público menos inteligente”. Grande parte dessa falta de prestígio dos

romances deve-se à atividade da crítica, ou melhor, das resenhas, que não possuem um critério crítico e seletivo, mas estão subordinadas a uma relação que é empregatícia (resenhista “mercenário”) e publicitária (marketing da obra, do autor, do jornal, da editora). Ainda que a maior parte dos quinze romances diários publicados e resenhados fosse de pouca força estética, mereceriam ser tratados como obras de arte inigualáveis. Essa falsidade da resenha, e seu desrespeito por parte do público, se estendeu também sobre o romance. Curioso observar que a própria obra literária de Orwell venha a contradizer essa sua hipótese de que o romance estivesse em ruínas, ele mesmo foi e continua sendo lido por pessoas dos mais variados extratos sociais, etários e intelectuais.

“A poesia e o microfone” é um texto genial onde Orwell analisa a relação que os poetas e o público estabelecem com a poesia lida através do rádio. Em programas organizados por ele e outras pessoas, em 1942, transmitia-se poesia britânica para os jovens universitários indianos, quase sempre a leitura era feita pelo poeta que escreveu o poema. Orwell diz em tom quase confessional “fiquei impressionado por que a leitura no rádio de um poema por quem o escreveu não provoca apenas impacto na audiência – se é que provoca algum –, mas também no próprio poeta” (p. 124). Os textos que encerram a segunda sessão dialogam no sentido de observarem o que há de ideológico na linguagem do dia a dia. Se em “Propaganda e discurso popular” ele vê como a esquerda cunhou seus jargões que definem agora um grupo social que faz uso dessas palavras, o texto seguinte (“A política e a língua inglesa”) investiga os recursos linguísticos utilizados pelo discurso impresso e o modo como a língua inglesa está se deteriorando, bem como o sistema político britânico.

O terceiro conjunto de ensaios “A covardia intelectual é o pior inimigo” mostra-nos Orwell em plena razão de sua combatividade política, defendendo as liberdades de expressão e imprensa, a honestidade intelectual e a necessidade de se expor e posicionar axiologicamente. O primeiro texto é breve e demasiado profundo, chama-se “Jornal por um vintém”, de 1928. Analisa o caso do jornal parisiense **Ami de Peuple** (Amigo do Povo), um jornal pseudo-libertário vendido a um preço exorbitantemente barato (“dez centavos”). O valor do jornal não é mercadológico,

na verdade ele é financiado, é pura propaganda ideológica conformista e antirradical. Orwell era realmente fascinado por jornais, o texto “Semanário para meninos”, de março de 1940, investiga dez jornais britânicos que estão prosperando. São semanários de “dois pence” dedicados a meninos, que trazem histórias do tipo folhetim, mas o que interessa a Orwell é a densidade psicológica dos mais antigos e as diferenças com os jornais mais recentes. Além de ser uma fonte de estudo historiográfico sobre o jornal e a literatura em diálogo, esse ensaio é uma aula de análise, interpretação e comparação literária minuciosamente elaborada.

“A liberdade do parque”, publicado em 7 de dezembro de 1945, questiona a prisão de cinco homens – sob a acusação de “obstrução de via pública” – que vendiam jornais vinculados a um pensamento de esquerda em frente ao Hyde Park em Londres, vale inclusive trazer seu parágrafo de encerramento:

Não estou sugerindo que a prisão de cinco pessoas por vender jornais inofensivos é uma grande calamidade. Quando vemos o que está acontecendo no mundo hoje, não parece valer a pena bradar por um incidente tão pequeno. Ainda assim, não é um bom sintoma que esse tipo de coisa aconteça quando a guerra já terminou há um bom tempo, e eu me sentiria mais feliz se isso e a longa série de episódios que o precederam conseguissem levantar um clamor genuíno, e não apenas um leve alvoroço em seções de imprensa minoritária. (ORWELL, 2011, p. 202)

Seguindo nessa linha de defesa da liberdade de imprensa e de pensamento está o texto publicado em janeiro de 1946, “A prevenção contra a literatura”. Este ensaio é um estudo sistemático das transformações que a literatura, em suas mais variadas manifestações, vem apresentando ante os regimes despóticos e autoritários. Fechando, por fim, a terceira sessão dos ensaios está o prefácio para Revolução dos bichos intitulado “A liberdade de imprensa”.

Na quarta sessão – “Pacifismo é uma palavra vaga” – estão textos em que Orwell se volta a questões morais e políticas. O primeiro ensaio “A vingança é amarga” mostra a ineficiência da punição imposta aos nazistas pelos judeus após a guerra. “A vingança é um ato que se quer cometer quando se está impotente e porque se está impotente; assim que o sentimento de importância desaparece, o desejo se evapora também.”(p. 237) O segundo ensaio desta parte “Pacifismo e progresso”, de 1946, contém o trecho que dá nome à sessão e discute os mitos sobre a vontade de paz que os governos precisam instaurar para alimentar e equilibrar ao seu potencial bélico à força utilizada pelo Estado em prol da manutenção da ordem. Encerrando esta sessão está um texto que foi escrito quando Ezra Pound ganhou o prêmio de melhor livro de poesia em 1948, “A questão do prêmio de Pound”. O poeta, desde a década de vinte, era um forte simpatizante do tipo italiano do fascismo. Orwell reconhece que o fato de Pound ser considerado um bom escritor pelos jurados – ele sempre o vira como um escritor espúrio – não vai fazer com que se esqueça de sua carreira política, e se os jurados assumem uma posição de defesa da “arte pela arte” separando integridade estética e decência devemos aceitar esse posicionamento, mas não engolir irrefletidamente suas ressalvas.

O quinto capítulo do livro “É melhor cozinhar batatas do que fritá-las” traz à tona um aspecto de Orwell muitas vezes deixado de lado: seu olhar de estrangeiro aos costumes ingleses, a busca de uma certa “inglesidade”. Abrindo esta sessão está o relato confessional “Tamanhas eram as alegrias”, onde por mais de cinquenta páginas o autor discorre sobre suas impressões e experiências em alguns dos colégios mais tradicionais de Londres, de como se relacionava (ou não) com os colegas, o tipo de conhecimento ministrado, compondo um retrato da vida dos jovens britânicos de classe média alta. “Inglaterra, nossa Inglaterra” mostra como o patriotismo e a ênfase demasiada no instinto de nacionalidade deram força a governos como o de Hitler e Mussolini. “O espírito esportivo” discorre sobre como, finda a guerra, grande parte da animosidade entre as nações foi transferida para o esporte. Sua visão crítica e irônica dos fatos é inconfundível.

No cenário internacional, o esporte é francamente um arremedo de guerra. Porém, o mais significativo não é o comportamento dos jogadores, mas a atitude dos espectadores, das nações que ficam furiosas em relação a essas disputas absurdas e acreditam seriamente – ao menos por períodos curtos – que correr, saltar e chutar uma bola são testes de virtude nacional. (ORWELL, 2011, p. 336)

“Em defesa da culinária inglesa” e “Uma boa xícara de chá” seguem nessa perspectiva de desenhar um perfil britânico, agora do ponto de vista gastronômico, comparando a culinária inglesa a outros tipos de alimentos preparados na Europa, bem como as nuances do ritual – quase Zen – do chá. “Moon under water” recebe o nome do pub preferido de Orwell, boa comida, chope escuro, garçonetes maternais, nenhum rádio, ambiente agradável e muitas outras características fazem desse lugar um dos preferidos de Orwell, o seu pub ideal. O último ensaio dessa sessão “O declínio do assassinato inglês” discute como a espetacularização dada aos homicídios tem transformado o gosto do público que acompanha as notícias dos crimes.

A última sessão de ensaios é um jogral dos mais variados temas, onde Orwell atinge uma densidade filosófica imensa sem abrir mão da liberdade de dizer o que quer e como quer. “Marrakesh” data do Natal de 1939. Foi escrito como um relato descritivo e reflexivo da experiência de Orwell no Marrocos. Ver o país como um turista não o impediu de colocar-se também no lugar das pessoas que vivem lá: “É provável que alguém pudesse viver aqui durante anos sem notar que para nove entre dez pessoas a realidade da vida é uma luta infundável, opressiva, para arrancar um pouco de alimento de um solo gasto.” (p. 363). “Em defesa da lareira” faz exatamente o que diz o título, uma defesa da lareira por agrupar as pessoas ao seu redor, criar um certo momento social, que com expansão do aquecimento a gás ou querosene (mais “higiênicos” e “eficientes na distribuição do calor”) poderia se extinguir. “Fora com esse uniforme”, assim como o texto anterior é de dezembro de 1945, ambos publicados no jornal **Evening Standard**, existente até hoje. “Livros e cigarros”, de fevereiro de 1946, rebate o argumento de que comprar livros seja um

hobby caro. Na base do argumento está a comparação com o gasto médio de cigarros. O último texto do livro, de 1946, “Algumas reflexões sobre o sapo comum” é um elogio da primavera e do seu desfrute. Como símbolo dessa passagem do tempo, Orwell escolhe o sapo comum, que antes da andorinha e do narciso, sai do buraco onde enterrou-se no outono anterior. Sempre dotado de uma perspicaz ironia em suas imagens, Orwell fala do aspecto espiritual que possui o sapo após esse longo retiro, como um “anglo-católico rígido perto do final da Quaresma”, e da sua lembrança ao desenterrá-los ainda vivos no verão. A questão é que, didaticamente, ele está falando da importância de prazeres que não custam nada, que estão disponíveis a todos, como a chegada da primavera.

Porém, para os seus contemporâneos é quase um pecado sentir prazer na primavera ou em outras mudanças sazonais. Na verdade, não um pecado, mas sim uma postura politicamente repreensível, sobretudo num tempo em que as pessoas deveriam estar o tempo todo sofrendo por viverem “sob os grilhões do sistema capitalista”. Como se o prazer no processo concreto da vida estimulasse “uma espécie de quietismo político” e as pessoas devessem estar cada vez mais descontentes para não se mostrarem alienadas. É claro que falsear uma boa justificativa para um emprego deplorável não é algo correto, mas – questiona Orwell –

se matarmos todo o prazer no processo concreto da vida, que espécie de futuro estamos preparando para nós mesmos? Se um homem não pode apreciar o retorno da primavera, por que deveria ficar feliz numa utopia que economizasse trabalho? O que fará ele com o lazer que a máquina lhe dará? (ORWELL, 2011, p. 385).

A preocupação de Orwell é com um futuro mais decente e pacífico, onde a humanidade possa investir sua energia excedente em algo que não seja o ódio e culto ao líder. É preciso liberdade para apreciar prazeres que não são domináveis. Quando **A Revolução dos Bichos** foi traduzida para ser distribuída para

camponeses ucranianos Orwell fez questão de não receber direitos autorais pela tradução. Aliás, não recebia dinheiro de pessoas pobres de mais para pagar pelo livro, ele mesmo arcou com os custos de produção de uma edição russa da obra. No prefácio à edição ucraniana Orwell resume um pouco de sua história de vida, de sua perspectiva crítica e militante, fala de como a obra é uma tentativa de analisar “a teoria de Marx do ponto de vista dos animais”. Altamente consciente de sua importância na história da cultura, bem como sabedor da importância da cultura na história da humanidade, Orwell buscava traduzir seu humanismo em todas as frentes por onde atacou.

Referências

ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. Seleção de textos João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr.; tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Para citar este artigo

ESSENCIO, Sandro Viana. Resenha de ORWELL, George. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. Seleção de textos João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr.; tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. . **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 413-422.

O Autor

Sandro Viana Essencio é aluno regular da Pós-Graduação da UNESP de Assis, em nível de mestrado, no programa Literatura e Vida Social, sob orientação do professor Benedito Antunes, com a pesquisa sobre a obra **Fazenda Modelo**, de Chico Buarque de Hollanda, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. Graduado em letras pela UNESP de Araraquara. Participou do Grupo PET/Letras, na qualidade de bolsista MEC/SESu, com atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, abrangendo a língua portuguesa e temas de cultura geral para os níveis Médio e Superior. Desempenhou atividades de monitoria em literatura pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara. Foi pesquisador (IC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), atuando principalmente em temas relativos à

prosa, sobretudo, com base nos escritos de Mikhail Bakhtin sobre a literatura e a evolução dos gêneros do discurso ao longo da história da cultura.